

Diálogos da Utopia: Caminhos para a Apuração Jornalística¹

Géssica Gabrieli VALENTINI²

Paulo Roberto ARAUJO³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Este trabalho é o resultado de um projeto experimental, para o qual foram feitos quatro perfis com diferentes apurações jornalísticas: o primeiro através da entrevista, o segundo da observação participante, o terceiro da observação não participante e o último com a utilização das três técnicas. Os personagens desempenham funções de pessoas famosas, mas são anônimos: um jogador de futebol amador, um vendedor de carrapinha, uma estátua de rua e uma catadora que é poeta. O objetivo foi extrapolar comum e testar as diferentes apurações para perceber aspectos determinantes na execução, a fim de encontrar dificuldades que poderiam explicar a predominância de algumas técnicas e a influência da captação na escolha do gênero e na utilização da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE

Apuração; perfil; entrevista; observação participante; observação não participante.

1 INTRODUÇÃO

Um vulto. É somente isso que a criança, no berço, consegue contemplar. Porém, pelo olfato ela sabe que à frente está o amparo, o alimento, tudo o que precisa para esboçar sorrisos e sentir-se segura. A criança cresce, cai da bicicleta e o pai corre: “eu avisei que ia cair”. Cai da árvore e a mãe grita: “eu avisei para não subir”. A cada tombo, se afasta do perigo, mas também da aventura. Vê com nitidez, sente o cheiro com precisão, toca com a certeza da forma, ouve com astúcia, mas contempla o

¹Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém Graduado em Jornalismo pela UFSM, email: gessicavalentini@yahoo.com.br.

³ Professor Orientador, email: ventonorte@terra.com.br.

desconhecido com desconfiança e dá as costas sem ao menos refletir sobre o que poderia encontrar, seguindo o conselho do mestre.

O profissional há 10 anos assiste o mesmo telejornal, há 15 compra pão na mesma padaria, lê os mesmos autores desde que aprendeu o bê-á-bá, faz as mesmas perguntas e escreve da mesma forma desde que recebeu o primeiro elogio por uma boa matéria.

Por essa constatação, o tema se coloca à margem, à terceira margem, tal como o pai que decide partir para o rio, no conto de Guimarães Rosa – À Terceira Margem do Rio. A idéia da margem surgiu do Laboratório de Jornalismo Cultural do Instituto Itaú Cultural, através do Projeto Rumos. Lá, o conto de Rosa foi lançado pelo orientador como sugestão para reflexão sobre a prática jornalística, principalmente as pautas, repetidas à exaustão. À Terceira Margem do Rio logo ocupava idéia de apuração e linguagem.

A pesquisa foi definida como “diálogos da utopia”, pois é uma conversa que resume uma forma de pensar, de sonhar, que pretende motivar.

Ao longo do tempo, muita coisa mudou na rotina profissional. Primeiro, tratava-se de “sujar os sapatos”, como o conhecido jargão profissional define a apuração na rua. Depois, de sujar os sapatos e empunhar uma peça, discar os botões e lá estava a fonte, do outro lado da cidade, país ou mundo com todas as informações desejadas. Hoje, pouca sola se gasta e é possível contar também com a rede mundial de computadores.

A figura romântica do jornalista boêmio, com uma xícara de café e um cigarro em frente a uma máquina de escrever, ficou pra trás. Com ela foi-se também o personagem apaixonado pela profissão, pelo ofício de contar histórias e narrar o cotidiano com lentes argutas. Em detrimento, ficou o repórter enlouquecido para cumprir a meta diária de escrever dezenas de linhas.

Enquanto isso, a criatividade e a sensibilidade são relegadas a alguns profissionais do cenário jornalístico. Por quê? Partindo desse pressuposto, a proposta é extrapolar o comum, experimentando diferentes formas de apuração. O objetivo foi apontar aspectos determinantes na construção da narrativa para compreender porque algumas formas de apurar são mais utilizadas do que outras.

O gênero escolhido foi o perfil, por permitir grandes variações na linguagem e ir contra preceitos do jornalismo como a necessidade de fontes variadas. Da mesma forma,

na imprensa o gênero costuma ser utilizado para retratar pessoas famosas. Aqui, o critério de escolha dos personagens foi o contrário: um possível anonimato. São pessoas conhecidas no bairro, talvez até na cidade, mas apenas isso. O primeiro capítulo é justamente sobre o perfil e a relação do gênero com a imprensa.

O segundo capítulo disserta sobre a apuração jornalística. A evolução histórica, os desafios dos profissionais, como também as formas de apuração escolhidas: entrevista, observação participante e observação não participante.

O terceiro capítulo traz o produto: as reportagens. A primeira, “Rei da Pelada”, foi feita através da técnica da entrevista com o jogador de futebol amador Victor Hugo da Cas. A segunda, “Vai uma carrapinha, aí?”, foi realizada por meio da observação participante. O personagem escolhido foi o vendedor de rua Gilceu Rodrigues da Silva.

A terceira foi com uma estátua viva, que passa os dias na rua distribuindo mensagens em troca de moedas. Para essa apuração foi utilizada a técnica da observação não participante.

A quarta apuração, realizada com a utilização de todas as técnicas, foi com a catadora de papel e poeta Tereza Moraes Marques da Silva.

Por fim, há a análise do projeto experimental, o resultado do trabalho e às conclusões as quais podemos chegar depois de todo o processo.

2 TRECHOS DAS REPORTAGENS

2.1 Rei da Pelada (Entrevista)

Dois tijolos de cada lado indicavam os limites do gol. Os meninos descalços, mas sempre devidamente uniformizados, corriam pela rua de paralelepípedos, defendendo o respectivo time.

- Lá vem o carro! Corre, corre - gritava alguém, e lá iam eles, rapidamente recolher a bola e os tijolos.

Tão logo sumia o automóvel, o campo estava montado novamente. Continuavam correndo, os pés imundos, a sujeira cobrindo arranhões, cortes, unhas machucadas. Nada os impedia de continuar a pelada na Rua Amazonas, em Porto Alegre (RS).

O tempo passou, o campo mudou e hoje isso é só uma lembrança de infância do engenheiro civil Victor Hugo da Cas. Uma recordação, no entanto, que permaneceu

presente, ano após ano. As peladas na rua quase se tornaram trabalho sério e ele comemora conquistas que apenas grandes ídolos do esporte têm.

No campo, entre os jogadores com mais de 40 anos, ele é príncipe. Põe a coroa e leva a bola à trave: até abril de 2008 exatos 1000 gols em partidas oficiais. Qualquer outra semelhança entre ele e o rei Pelé ou o baixinho Romário é mera coincidência. Ainda faltam 284 para ser rei e aí sim ter o legado concretizado. Um rei das peladas. Um rei do chamado “futebol de várzea”.

Nosso “rei” nasceu em Santa Maria no dia 6 de dezembro de 1956, nas proximidades da Igreja Nossa Senhora das Dores. O menino franzino de cachinhos louros vivia transitando afoito entre os campinhos da redondeza daquela que hoje é a Avenida Dores. Foi ali que um dia avistou um amigo, conhecido como Pinóquio, por causa do nariz inconfundível.

- Nossa cara, mas teu cabelo parece mesmo um pelego de ovelha – o menino anunciou.

Ali Victor Hugo perdia a jogada para “Pelego”, apelido que o acompanhou insistente, time após time.

Na terra dos paralelepípedos

Gol! A bola chega rasteira entre os dois tijolos e Pelego corre para o abraço. Mais um, que o afasta ainda mais do segundo colocado na artilharia entre os meninos da rua Amazonas, já em Porto Alegre. Neste ano, 1966, a família resolvera se mudar para a capital gaúcha, mas o garoto só tratou de pendurar as chuteiras e, descalço, transferir as habilidades do campinho de terra para a rua de paralelepípedos.

- Vem pra casa menino – ouvia de longe a voz conhecida da mãe.

- Já vou mãe! – respondia.

Depois disso, quase como um coro, outros meninos iam respondendo ao mesmo chamado das respectivas matriarcas.

Satisfeito com as jogadas, lá ia Pelego, sujo como um porquinho, tomar um banho e deitar sobre os livros para fazer algum tema de casa que os professores da escola Santa Família davam.

O emocionante jogo de sua vida: Correr da casa para a escola, da escola para a rua, da rua para casa.

Era como um ratinho com um queijo entre os dentes, fugindo do inimigo. Corria muito, o queijo na maioria das vezes com sucesso ia para a toca. O queijo: a bola. A toca: o gol. Nessa corrida incessante de gato e rato, já de chuteira nos pés, os primeiros olheiros perceberam aquele menino. Aos 13 anos, nem as primeiras penugens tinham surgido no rosto, mas ele já era craque dos campeonatos estudantis que a escola disputava.

Aos 15, uma empresa de fogões fitou as pernas finas do menino como uma promessa para o time que levava o nome do empreendimento: Vale. Um time de bairro, mas para quem jogava sobre as pedras, numa equipe sem nome, uma grande conquista. Foi defendendo a Vale que travou os primeiros duelos contra os times infantis do Grêmio e do Internacional e surgiram as primeiras oportunidades de atuar profissionalmente.

- Olha mãe, o que diz o jornal: “Grêmio vai escolher novos integrantes. Trazer chuteira, meia e calção”. Eu vou!

Vinte e dois seriam escolhidos entre os quase 500 garotos. Era um gremista, com talento e cheio de vontade. Contudo, era um pontinho tricolor no meio da multidão. Lembra de tudo em poucos segundos.

- Peguei a bola, percorri o campo e quase fiz o gol!

Quase, mas o suficiente para que fosse escolhido.

Voltou para casa empolgado.

- Pai, mãe, consegui!

- Mas filho, agora você deve começar o pré-vestibular, não pode mais pensar em futebol! – o pai não deixou muitas opções.

Estava entre a cruz e a espada, ou melhor, entre a bola e os livros. Conciliar?

- Sem chances. Para ir até o cursinho eu precisava pegar dois ônibus. Era um ou outro.

Poderia dar certo investir no futebol, mas quantos eram os meninos que largavam tudo e depois tinham que retomar suas vidas porque o sonho acabara? Assim, optou pela decisão do pai.

Outra oportunidade surgiu. Dessa vez, no Internacional. Quem sabe conseguiria conciliar sonho e realidade. Duzentos meninos aguardavam a chance de se apresentar. Uma verdadeira peneira. Novamente, ele foi um dos escolhidos e além de tudo os treinadores ofereceram ajuda de custo e todas as despesas pagas para que seguisse uma carreira também no atletismo.

- No internacional filho? Nem pensar. No Grêmio, vá lá, mas no Inter! Se for, vai ter que sair de casa!

Era uma decisão taxativa.

Enquanto isso, praticava outros esportes, alguns por vocação, outros por influência paterna, como a bocha. Na década de 70, foi campeão estadual na modalidade, por clube chamado Independente.

Quanto ao futebol, continuava presente na rotina de adolescente. Na época, o time que defendia ainda era de várzea: Pombal. Um time excêntrico, tanto quanto o nome, que certa vez foi disputar uma preliminar com time juvenil do Grêmio.

Depois do jogo, Pelego foi convidado pelos dirigentes do time tricolor para ingressar na equipe. A proposta incluía casa, comida e todas as outras despesas que surgissem.

Era final de 1975, ele acabara de concluir o Ensino Médio e, mais uma vez, os planos da família não eram os mesmos que ele traçara para si. Estavam voltando para Santa Maria.

[...]

2.2 Vai uma carrapinha aí? (observação participante)

O céu, telhado do mundo, exibia um desses azuis que as aquarelas tentam imitar. Poucas nuvens passeavam preguiçosas, o sol articulava seus longos braços para cobrir tudo num abraço. Uma segunda-feira agradável, em que acordar cedo se torna um privilégio.

Deveria chegar ao trabalho às 9h15 e pouco antes disso o portão de ferro do prédio fechou-se atrás de mim. Passo a passo, penso no que me espera, em seguida avisto o carrinho já em funcionamento, na esquina da Rua Floriano Peixoto com a Coronel Niderauer, bem no centro de Santa Maria (RS).

Atrás dele, Gilceu Rodrigues da Silva mexe uma colher de pau, o açúcar derretendo-se, como que apaixonado pelo calor, envolvendo os amendoins, agarrando-se a eles para então dar forma ao doce triste, que não se pode comer apenas um: a carrapinha. Um casamento perfeito.

Antes de atravessar a rua, encontro o conhecido olhar, a pele espremendo-se saliente para permitir o sorriso.

- Bom dia! – anuncia, saudando minha chegada, a tampa estalando sobre a panela.

- Bom dia seu Gilceu, tudo bem com o senhor? – pergunto, tentando exibir meu melhor sorriso.

- Tudo bem, menina. Me atrasei hoje, achei que já tivesse chegado.

- Está no horário seu Gilceu. São 9h15, em ponto! – anuncio, fitando os pequenos números no meu celular quebrado, que tampouco quebra minha rotina por atrasar ou deixar de funcionar.

A barriga saliente do vendedor e os braços sempre em movimento ocupam quase todo o comprimento do carrinho. Faço a volta e me prostro ao lado da panela, a tempo de ver a tampa trepidar, a fumaça escapando do calor insuportável.

O aroma suave do amendoim percorre a quadra, como um menino travesso em busca de confusão. Uma senhora com uma sacola de compras abarrotadas caminha a passos curtos e rápidos, fita o preparo, especula com o olhar. Ainda de olho nela, pergunto:

- Como foi seu fim de semana?

Na mesma hora Gilceu encontra um dos alvos para entregar os recados alheios.

- Ei garoto, procura o síndico desse prédio aí, ele quer falar com você.

O menino maltrapilho franze o cenho, desconfiado, tentando saber de onde vem o chamado. Gira o corpo e encontra a figura conhecida do vendedor de carrapinha. A expressão descontrai. Estampa enfim um sorriso no rosto sujo, agradece e dá passos largos em direção ao interfone do edifício indicado.

- Desculpa. O que você estava dizendo? – volta-se novamente para mim.

[...]

2.3 A Viva, Estática, Estátua (observação não participante)

O relógio digital do calçadão de Santa Maria (RS) marcava 1h36 quando avistei a figura dourada da cabeça aos pés, asas de anjo, movendo-se lento, como um pássaro que encaramos de longe. Uma estampa medieval, saída dos livros de história, em meio a celulares, computadores portáteis e tecnologia digital.

Tudo alheio a ele, as bandeiras de candidatos a prefeito e vereador, 16 dias antes da eleição de cinco de outubro, batiam-lhe o rosto, mas tampouco a expressão mudava.

Silêncio absoluto. Nenhum cumprimento ou balbucio. Enlaçava uma caixa retangular de madeira, com cerca de 1m², sobre a qual estava um pedaço de cetim amarelo. Em uma das mãos segurava um pequeno pedestal de plástico, no qual letras impressas em caixa alta traziam a inscrição: “Estátua Mensageira. Contribua com ela e ganhe uma mensagem”. Até então, apenas um homem montando o espaço de trabalho.

Sem pressa, revestiu a caixa com o cetim, prostrou o pedestal à frente e subiu. Estava pronto para trabalhar. Agora era o ator no seu palco.

Ninguém sabe de onde vem ou quando virá. O florista que trabalha ali todos os dias o vê pelo menos três vezes por semana, mas afirma que ele entra mudo e sai calado, embora muitos tentem arrancar palavras, inutilmente. Foi o que constatei nas horas que o observei.

- Mas ele fala? – indago.

- Sim, isso sim, outro dia começou a chover e eu vi ele trocando uma ou duas palavras com as pessoas, debaixo da marquise – fala o vendedor, que só possui um dente no canto esquerdo da boca. [...]

2.4 Império de Papelão (entrevista, observação participante, observação não participante)

Era uma vez. Na verdade, ainda é... A chuva cai torrencialmente, cambaleando os guarda-chuvas que se acumulam nas avenidas e becos. O jeans vai ficando pesado a cada passo, à medida que as gotas da calçada se chocam umas com as outras e vêm de encontro ao tecido, como que procurando alento.

No ponto de ônibus, súditos escorrem impaciência e uma enxurrada de palavrões disputa o ambiente com a sonoridade do choro das nuvens.

Vinte minutos depois, a carruagem de metal cinza com listras verdes estaciona. As portas se abrem e cinco ou seis pessoas se espremem no pequeno espaço aberto, fugindo dos pingos que caíam sobre elas.

O caminho, pouco a pouco, deixa para trás as grandes construções e dá lugar a casas, casebres, de tijolos, madeira, gradativamente. O castelo que procuro fica num beco estreito com casas que se justapõem.

Estou prestes a encontrar a princesa e já imagino o semblante, a carruagem, o tesouro que esconde. Curiosa, estou disposta a ingressar neste império alheio, embora ainda não saiba como. Aliás, não tinha idéia que conheceria uma princesa, até adentrar na cerca, deixando para trás as pegadas na lama, fitar à frente uma montanha de lixo, limpar os pés no tapete rasgado, dar sete passos até uma cama de casal capenga e perguntar qual é a identidade daquela que ali repousa.

- Tereza Moraes Marques da Silva – responde-me com um sorriso.

Mal consigo esboçar um sorriso de volta, ouço-a completar:

- Nome de princesa.

- Sim, de princesa. Marques da Silva ela herdou de mim - o marido aparece no pequeno espaço, entre um guarda-roupa e um armário, para completar.

- Na verdade, todo mundo diz que é de princesa e é mesmo – Tereza é rápida para rebater a informação.

O príncipe imediatamente vira sapo e volta para a sala ao lado, onde está também Victória, bisneta de Tereza.

Enquanto isso, encaro a figura de pele morena e cabelos curtos, ajeitando-se com dificuldade sobre a cama. Um curativo na perna é o que restou do atropelamento que a deixou dois meses sem sair de casa, com as duas pernas quebradas. Nada, porém, que tenha afetado a memória vívida e a lucidez que ultrapassa a compreensão do possível, embrenhando-se por trilhas fantásticas. Um verdadeiro conto de fadas moderno, em que a protagonista é a própria autora. Adentro nessa história para fazer parte de algumas páginas, embora nesse momento a cama seja a única parte do castelo em que é possível compartilhar algo com a princesa.

Para além do estrado coberto com espuma e um lençol azul, o que faço é percorrer o olhar e tentar decifrar enigmas entre os amontoados de papel, papelão, latas, frascos, mas também palavras e versos. Estou ansiosa para encontrar tesouros e entender

o que a faz tão bela e formosa, a mais bonita do próprio reino, segundo a definição que ela mesma dá de si e qualquer espelho responderia.

Ali Tereza é princesa, catadora, parteira, palestrante, viúva, esposa, mãe, avó, bisavó e poeta. Além de vaidosa. Várias faces de alguém que se ajeita para tirar foto, esboça um sorriso interminável para contar histórias, olha para alto, franze a testa e lembra de detalhes que só um autor com a imaginação por entre bosques, dragões e fadas conseguiria.

Rimando cidadania

“Nós somos catadores, essa é a nossa profissão.
Por falta de estudo, Deus nos deu essa missão.
Trabalhamos com orgulho e garantimos o nosso pão,
Tem gente de carroça, outros de carro de mão,
Tem gente de calçado, outros de pé no chão [...]”

As letras se combinam, as palavras se juntam e as rimas se completam. Uma estrofe e ela despertou, como a Bela Adormecida, para um amor incondicional: a poesia. Essa foi a primeira e muitas outras vieram. Hoje, são três livros publicados e um legado que vai muito além disso. Para participar desse capítulo, resolvo eu mesma versar sobre o que ali vejo, ouço e leio em “Catando Cidadania”, “Expressão de uma verdade” e “Selecionando Sentimentos”.

As leituras durante a vida foram poucas, no máximo Érico Veríssimo nas visitas à biblioteca. Assim, em cada poesia, a língua portuguesa é como um dançarino que baila no desconhecido, esbarra em símbolos e escorrega na escuridão da falta de compreensão. Dança, como a própria personagem descreve na poesia “Infância”:

“Estava sempre na mão
Os bailes, êta que coisa boa
Começava as oito da noite
Até as nove da manhã [...]”
[...]

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ouvir música no ventre materno, cair tombos de bicicleta, chorar por um amor não correspondido até adormecer de cansaço. Momentos únicos, que nossa memória guarda mesmo que não solicitemos. São vivências que determinam o gosto por sertanejo

ou música clássica. Da mesma forma, se a escrita será como a de um menino curioso que conta com espanto o que viveu ou uma máquina que responde as perguntas básicas de uma notícia e as organiza em algumas linhas.

Muitos acontecimentos podem explicar os rumos do jornalismo. A reportagem nasceu para contar histórias, com detalhes, emoção, a mesma contida nos contos de fada, que fazem as crianças arregalarem os olhos e os adultos escutarem com a sensibilidade aguçada.

Por sua vez, o repórter surgiu como interlocutor da realidade, das histórias de vida. Com o tempo, porém, as rotinas profissionais se modificaram. Episódios como a ditadura militar trouxeram repressão e até mesmo uma autocensura, seja limitando a opinião ou através dos padrões contidos nos manuais de redação e estilo.

Refletindo sobre isso, é como se ao longo do tempo tivessem aberto atalhos, mas que se tornaram caminhos “certos”, além de estabelecerem uma série de preconceitos em relação a outras possibilidades.

Principalmente com a tecnologia, muita coisa mudou e vai continuar mudando no jornalismo. Contudo, se assinarmos vários jornais, principalmente locais, vamos perceber que as pautas se repetem e a linguagem pouco varia.

De fato, não há como traçar um perfil exato do público e o que ele quer, mas com certeza ele espera novidades. O jornalismo é a arte de buscar o inusitado, o estranho. Não se trata de escrever sobre quanto sangue havia na pista depois de determinado acidente, como faz o jornalismo sensacionalista. Trata-se de encontrar os detalhes que fazem de cada história um caso particular, peculiar.

Esse “estranho”, porém, pode estar nas coisas mais simples, não em gavetas, que o repórter vasculha quando o entrevistado vai buscar algo, como nos filmes. Um exemplo disso está no conto “A Carta Roubada”, de Edgar Allan Poe. O rei precisava esconder uma carta muito importante, mas nenhum lugar parecia suficientemente seguro. Até que resolve colocá-la num quadro, bem à vista. Todos a procuram, mas ninguém a vê, pois não imaginam que aquela carta que se expõe tão escandalosamente seja a carta secreta.

Há um homem na rua vestido de Papai Noel. Uma criança vê e pensa: “é o Papai Noel”. O adulto vê, pode até se encantar, mas pensa também: “é alguém lutando para ganhar um dinheiro, vestindo aquela roupa quente e pesada em pleno verão!” .

O jornalismo busca a verdade e isso exige um pensamento mais sensível ainda. Se simplificarmos, ficamos na superfície, no Papai Noel. Se aprofundarmos, veremos muito mais coisas em uma mesma coisa.

No caso das reportagens do projeto, sei que muito mais poderia ser feito, mas foi esse exercício que tentei, ao buscar a tela do computador sob os montes de lixo, na casa da catadora, ou mesmo o fato de refletir sobre as divagações e contradições.

O Novo Jornalismo e o Jornalismo Literário fazem isso e por esse motivo foram muito desprezados. Os jornalistas ficaram com a fama de “mentirosos”, principalmente porque usam técnicas muito diferentes do tradicional, valorizam o particular, dão importância aos detalhes, à subjetividade.

O que os críticos não se dão conta é que são formas diferentes de contar a mesma história e nem por isso faltar com a verdade. Essa sim deve ser uma busca e um compromisso de todo profissional, independentemente do grau de subjetividade aplicado a cada reportagem.

Afinal, não importa as estratégias que o repórter utiliza para parecer ausente no texto. Discurso em terceira pessoa, impessoalidade, citações quando se trata de “opiniões” são apenas tentativas, pois há alguém que organiza daquela forma e escolhe determinados pontos de vista.

Apesar de reconhecer que ocupar pelo menos meio dia de trabalho para experimentar a cultura do outro, como fiz nas observações participantes, não é uma tarefa simples para a rotina profissional, a experiência mostra que não é impossível. O tempo dispensado todas as apurações, exceto a última, foi o mesmo. Então, o fator “tempo” é imediatamente excluído como desculpa para não tentar.

Por outro lado, o diferencial de ambas as observações em relação à entrevista está na segurança do relato. Não é apenas algo contado por um personagem para ser reproduzido. É uma vivência, observações que incluem este detalhe e excluem aquele, por isso tampouco completas, mas que podem ser a melhor opção em diversas pautas, bem como na tentativa de tornar o jornalismo diferenciado.

No caso da reportagem feita com a observação não participante, o perfil atendeu o objetivo do projeto, sem que esse tipo de apuração deva ser descartado, como poderíamos pensar. Ao contrário, essa técnica poderia ser a saída para muitas pautas derrubadas porque a fonte se recusa a falar.

O perfil “Frank Sinatra está resfriado”, citado no capítulo sobre o gênero, é uma prova de que o personagem é determinante, mas o depoimento dele não é indispensável. Ao saber que o ídolo da música estava resfriado e não daria a entrevista planejada, Talese transformou-se em detetive, investigando os passos e enfim escrevendo um dos melhores perfis da história.

É preciso desmistificar, principalmente na graduação, pois ela é um dos caminhos possíveis para tornar o jornalismo diferenciado. É durante a formação que ocorrem as descobertas de estilos, e se experimenta todas as possibilidades profissionais.

Os professores não podem obrigar que os alunos leiam, mas o papel do mestre está em motivar, em apaixonar. Da mesma forma, o papel de pais, amigos, colegas deveria ser esse: de motivadores.

Motivar que as crianças subam em árvores e agüentem as conseqüências, ao invés de proibir. Motivar que o igual seja visto como diferente, ao invés de estabelecer o certo e o errado. Uma das armadilhas que criei e na qual eu mesma caí foi justamente esta: iniciar uma pesquisa imaginando estar certa, derrubando um “errado”. Descobri que o problema vai muito além.

Viajar, ler bons livros, olhar a mesma coisa ora como um gremista, ora como um menino, ora como um ET ou um índio que tem o primeiro contato com o espelho. São conselhos, apenas. Porém, ótimos conselhos se acompanhados de motivação.

Partindo de uma reflexão anterior ao projeto, após estudar o assunto, refletir sobre ele, desenvolver cada reportagem, é perceptível que até mesmo a conclusão é apenas um esboço.

Como projeto, um rascunho que poderia ser lido duzentas vezes e ainda assim cortado, acrescentado. Como contribuição ao jornalismo, apenas uma pesquisa que pretende motivar que outros desdobramentos sejam feitos, por pessoas curiosas e com muitas inquietações.

A curiosidade nos faz experimentar, arriscar, sonhar, amar o desconhecido com todas as nossas forças e sentidos. Faz-nos ver sujeira onde parece tudo impecável, um trevo de quatro folhas onde tudo parecia mato, diálogo onde parecia somente uma entrevista e, enfim, realidade, no que parecia só utopia.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema.** Coleção Primeiros Passos. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981

CAPOTE, Truman. **Os cães ladram: pessoas públicas e lugares privados.** L&PM Pocket, Porto Alegre: 2007

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística,** Editora Record, Rio de Janeiro e São Paulo: 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Campinas: Unicamp, 1993.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial,** São Paulo: Summus, 1988.

_____ **Entrevista: O diálogo possível,** São Paulo: Ática, 1986.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** Editora Contexto. São Paulo: 2006.

POE, Edgar Allan. **A Carta Roubada e Outras Histórias de Crime e Mistério.** L&PM Pocket, Porto Alegre: 2006

ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias.** Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1988, pgs. 32-36

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem – notas sobre a narrativa jornalística.** Summus Editorial: São Paulo, 1986.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato.** Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

TUCHMAN, G. A Objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega, 1993. P. 74-90.

TYNAN, Kenneth. **A vida como Performance.** Companhia das Letras: São Paulo, 2002

VILAS BOAS, Sérgio, **Biografias e biógrafos – Jornalismo sobre personagens.** Summus Editorial: São Paulo, 2002.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** Companhia das Letras: São Paulo, 2005